

Alarde

Nenhum ruído no motor, nenhuma luz no painel. Sem alarmes e surpresas. Girei novamente a chave do carro. Nada. Hesito: tenho mais um motivo para não ir. Que é dia de tv e cigarros fortes, de deixar que o tempo se arraste esquecido de si. Mas assim mesmo tomo o ônibus e chego até o local marcado.

Evito te cumprimentar. Apenas sento-me à mesa, à sua frente, e te rodeio com meus olhos atentamente desinteressados no que diz. Você começa a dizer muito baixo qualquer coisa dessas que se diz em mesa de bar, e eu vou gravando tudo como quem recolhe provas para se livrar de um crime perverso. Fiscalizo seu corpo inteiro e percebo, tarde, que perdi muito tempo nessa tarefa. Você se dá conta do meu modo concentrado, nesse exato momento em que me desaproprio... porque, você sabe, a beleza sempre foi desleal comigo. Então você me olha, como quem diz: o que foi?

Desassossego. Minha voz tremula. Respondo algo ininteligível. Com um esforço supremo, respondo-te ainda com uma pergunta. E logo me arrependo. Acendo rapidamente um cigarro e tomo um gole grosso de cerveja. Desajeito. Meus gestos desobedecem minha ordem, como se fosse imperativo errar.

Meus olhos continuam vagando por um tempo em sua direção, nesse espaço onde não se pisa sem torpor. É então que você pergunta: o que foi?, como quem diz: silencie. Eu paro, mudo, meus olhos no seu rosto. Sopro a fumaça devagar, como quem se reajusta ao próprio corpo.

Mastigo algumas palavras sujas com os outros que, entre nós, estão sentados à mesa. Mais cerveja. Risadas altas, exaltação nos ânimos já levemente embriagados e tolos... Entedio-me com essa distância. Vejo indiferente os passantes na rua, a afobação

¹ Mestranda em Teoria da Literatura (UFMG). Participa do conselho editorial do jornal mensal de literatura e outras artes *Pausa* Nasceu em Belo Horizonte, onde vive ainda hoje. Contato: maraizalabanca@gmail.com.

dos carros, o movimento da avenida ao lado da nossa completa paralisação. Nunca saímos do lugar, querida - quase digo. Tento esconder essa agonia que me abate, por pudor diante de um olhar furtivo, áspero.

Alguém me diz algo. Não compreendo. Esforço para me interessar. Consigo até um sorriso no canto da boca. Converso um pouco. É como se dissessem, de dentro de uma imensa vagueza: um pouco de palavra, se não... Incomoda essa mudez cortante, eu sei. Então, sorrio e deixo vazar algumas palavras quase agressivas a essas pessoas... Lixo. Riem um pouco sem jeito. Eu me canso.

Mais dois goles. Esfrego as mãos. Percebo que parei de te olhar. Mas já vou ficando com a alma solta, vadia, com os olhos perdidos de não ter no que pegar. Então, retorno praquele ponto. Miro fixamente o seu colo vestido de mulher grave. E começo a falar absurdos, disparates, deixo jorrar toda a violência desse desejo proscrito, traduzido em golpes certos sobre quem quer que seja. Falo, falo, falo, como um missionário às avessas: quero arruinar tudo. Ataco, apostolando o inferno.

Eles devolvem. Não me importo. Já disse: tenho a alma solta, vadia. Falo alto. Deselogio o mundo.

Gastaram-se as horas. Estou farto de cervejas, cigarros e palavras para encobrir essa direção sem rumo. Mas é você que vai embora mais uma vez. Antes da meia-noite, com seus passos firmes sobre o chão que me foi roubado. Me dá as costas, sua maior entrega, as suas costas como presente. Sobressalto-me em desconcerto e perplexidade. Tuas costas, eu digo. Esta a violência que me cabe. Você some entre os carros. Eu fico, como quem parte.

ALVO

A

Alvacenta

Alva senta

Na

Veneziana,

E desliza

Algoxada

Como uma gôndola

Veneziana.

Sou alvo.

Angústia do finito

A essa sua rudez que a ele, e só podia ser assim, parece graciosa, ela responde com uma ternura inabitual: “agora não”. “Mas está tudo bem, não gostamos um do outro” - diziam, a não ser desse modo indireto e oblíquo que ele chamava *desejo*. Sem a mediação do amor, desejaram-se durante todo esse tempo que se seguiu após as duas últimas estações. Ele de olhos grandes sobre seus seios, e ela tentando entender o que se passava por detrás de seu ceticismo cínico, o qual manejava astuciosamente em função do que queria. Nesses encaixes, rendeu-se, ele sabia bem, rendeu-se por vezes a um jogo nebuloso e vil, no qual ela andava como andam as sombras dentro da espessura de uma vida – a vida do homem. Para saciar a impetuosidade morna daquele descontínuo mas insistente desejo, tomaram emprestado os sentimentos de outros, e fizeram uso sujo de camas alheias. Tudo para criar espaços que sobrepujassem os dejetos de amores já idos. Justapondo, feito entulho de lixo, amores mortos, podiam, com toda a mácula do mundo nas mãos, oferecer um ao outro essa dose de indiferença – amarga bebida - que alimentava aqueles corpos que fingiam um desalento legítimo – era preciso fingir todo o tempo. Solenemente, criavam uma certa curta distância entre si – aí instalaram o encontro.

“Sei que não devo dizê-lo, mas digo assim mesmo, em cima de seu tolo triunfo, tal é a obviedade da conclusão: o desalento, querido, o desalento, a ficção, toda o cinismo que cabe num rosto, o desejo esvaziado de toda a corporeidade é a tradução ruim de um precário amor.” – com as palavras mornamente encolerizadas, ela organizava essa sintaxe.

¹ Mestranda em Teoria da Literatura (UFMG). Participa do conselho editorial do jornal mensal de literatura e outras artes *Pausa* Nasceu em Belo Horizonte, onde vive ainda hoje. Contato: maraizalabanca@gmail.com.

Acordara lembrando do último encontro, naquele bar de iluminação excessiva e paredes descascadas. Era preciso falar alto, o barulho era enorme. No fim da noite, entretanto, bastavam breves sussurros e um longo toque de pernas por debaixo da mesa. E todo o ininteligível tornava-se claro, magnífico. Mas ela lembrara especialmente do que acontecera depois da conversa falante e silenciosa no bar. Dos instantes no carro, dos corpos apertando-se um contra o outro, ainda que jamais tivessem se abraçado.

“A minha grande questão sempre foi o tempo, a sua, o espaço, a relação dos sujeitos com o espaço. Sabe-se lá o que se passa no interstício dessas noções cada vez menos nítidas nos novos dias.” – dizia ele no meio daquele semana, como quem não quer falar, admirando suas telas. “Você sabe que aos seus amigos agora importam menos as adversidades de tempo e espaço, são outras as sensações que lhes assaltam.” – respondia por vezes a mulher, com a mesma falsa desatenção no tom. “Mas preocupe-me ainda o tempo, o escoar célere dessa água infinita e incansável” – treplicava. Era o tempo que por vezes o aproximou dela, e agora tornava-se lentamente um rio de largura marítima, cada vez mais impercorível. É claro que havia muita ficção nesse leito que fundaram e por onde passou aquela história silenciosa; todavia, ela encarara a mentira com toda a verdade que lhe cabia, e ele, incapaz que foi de molhar as mãos e os pés nesse leito turvo e que não se deixa jamais domesticar, tomou a verdade numa impostura, como se queimasse os livros da estante, trincou o suspense envolvido nesse caminho em desvio, próprio dos canais que se desenham em relevos irregulares. Era em solo impenetrável onde permitiram escoar esse tempo d’um amor precário. Era o justo, o possível.

Havia mais de sete dias que não se falavam, não sabiam o que havia, o que dizia esse hiato, mas é fato que a comunicação tornava-se improvável, os telefonemas, e-mails, mensagens, cada vez mais escassos. Tal redução – que escolheram – era resultado de uma economia das sensações que não atingem diretamente a alma, dissipam-se no ar. Então, a pele seca, a boca seca de palavras, sem a umidade quente do luxo da palavra que já não mais é certa, e mente. Fingir uma ficção é trabalho árduo, descobria a mulher, enquanto pincelava pontos negros sobre uma tela em branco.

BR0-40

Dulce Mary Godinho Pereira¹

Na redondezas de uma estrada
Entre vales e montanhas
Tem-se o verde embelezando
A grande paisagem
Aos poucos no trajeto
Há uma cor cinza de barracos
Casebres sujos de barro
Do chão enlameado
Gente imunda de sofrimento
Gente pura de atitude
A necessidade de respeito
É mais forte que suprimentos
O apetite de justiça
Não sacia com alimento
As crianças amenizam
A tristeza do lugar
Com seus gritos e brincadeiras
Esquecem aquela pobreza
Tentam disfarçar
Fazem ruas, fazem um lar
Uma comunidade querendo se ajudar
Há drogas e violência
Há tiros pelo ar
Há os belos carros passando
Pela estrada a trafegar
Não olham para o lado
Não vêem essas pessoas
Não se importam com essas vidas
A velocidade não permite
Se interessarem na cor cinza.

¹ Mestranda em Teoria da Literatura (UFJF)

CORPO

Estar preso ao corpo
Não poder ser nada além de corpo
Tudo passar pelo corpo
Incomoda
Mesmo dando prazer
Incomoda
Sentir-se corpo
Sentir o corpo
O próprio hálito
Incomoda
O odor de borracha, de silicone
Que às vezes se desprende
E que nem a poesia muito alivia
Porque até ela passa pelo corpo
Porque até o Além passa pelo corpo

CRISTALOGRAFIAS DO SUBSOLO

**“deixa-me em paz com as tuas paisagens!
fala-me do subsolo”**

Samuel Beckett

JOSELY VIANNA BAPTISTA CORPO-CLARIDADE ESFÍNGICA –AR DAS LABAREDAS a reactualizar a profundidade da comunicação radical apresentada pela forja das correspondências dos espelhos sobre a imparcialidade do ser-desconhecido da transmutação fulgente _____ (busca da submersão do mistério da realidade intraduzível)

JOSELY reinaugura simultaneamente o estonteamento da universalidade hiante e os filamentos relampagueantes dos atlas botânicos como a densidade cósmica e sonambúlica a atravessar as coordenadas da combustão (sísmica e bifurcada ___: inacessibilidade distanciadora/particularização da substância interior)_____ Estes signos-electrochoques penetram na estabilidade do vocabulário dos climas luminíferos para magnetizarem a dissecação geomorfológica da linguagem (absoluta) através do corpo da metamorfose feminina_____ eclodindo fulgurantemente na invenção das desvairadas disposições das simbioses.

As fabulações do metabolismo linguístico JOSELYNIANO propiciam a anti-instrumentalização da consciência afectiva na alucinação sensorial dos nascimentos insulanos, transgredindo a discursiva antiguidade doutra efabulação reinventada na translucidez da periodicidade selvagem onde as vulnerabilidades dos obstáculos da conceptualidade equiponderam/recriam a violenta atracção da origem inexplicável

CORPOGRAFIAS analógicas no esquematismo-mistral doutro corpo possível e investigável (gravura DE AR torrencial) noutro corpo da libertação instantânea e HIPERBÓLICA _____ POETA/MINERALOGISTA a reabilitar a indeterminação das identidades externas/intrínsecas fortemente POTENCIALIZADAS pelo físico/linguístico indefinível que reproduz o supremo paroxismo do desejo ao diferenciar a materialização da preciosidade indecifrável. Convulsivamente o desejo-corpo-razão-emoção-abaladura reencontra/improvisa a energia alucinatória das caligrafias-signos até à revelação do dinamismo silencioso das vigilâncias topológicas, teatralizadas pelas equações escultóricas do auto-conhecimento.

AR (DISSEMINAÇÃO DA NEBULOSIDADE SOLAR) sobre a instauração metamórfica do infigurável ONDE as **arqueologias regeneradoras do corpo/perspectiva substancializam os símbolos delirantes das corporalidades** contíguas porque a espessidão das fronteiras da catástrofe elementar alastra-se na actividade complexa da anti-teorização do desornamento visual onde a superposição dos

interstícios descentralizadores reintegram as acepções exímias dos ricochetes epistemológicos da ruptura eruptiva dos confins órficos
AR-SEGREDO turbulento a aventurar-se na reunião das fragmentações das vivências cósmicas tornando peregrinas as práticas das representações selváticas/paradoxos febris contra a amofinação da imediatidade dos corpos.

A composição da heterogeneidade dos mistérios iniciáticos projecta _____ os novos primitivismos inventivos ; os novos tribalismos da advocatura erecta do silêncio _____ bandos porosos e germinativos rasgando as especificidades da endoculturação ; reimplantando a ascendência do encontro do desejo-corpo entre a mutabilidade/MOBILIDADE das pulsões autocriativas como PLANTAS VASCULARES a fecundarem a região alegórica dos inconscientes

JOSELY/corpos de **vulcanologias** intransferíveis a abalancarem as consistências da desconstrução/CONSTRUÇÃO de ecossistemas sobre as formulações expressivas das interioridades _____ corpos na multidão dissolvida pela frangibilidade do deserto/CORPO CONSTRUTOR _____ espelho a espelho/ janela a janela _____ magnificamente mar febril/ÓRGÃO SOB(sobre) PROLIFERAÇÕES MUTANTES _____

As ambivalências das representações multicelulares/transimagéticas reincorporam as divulgações das performances/experiência da descoberta transmissora das consciências interpoladas entre a significabilidade das defrontações reprodutivas e as cisões da carnalidade (naufrágio sobre as metamorfizações semânticas _____ monumento simultaneamente híbrido e interrogativo) _____

CORPOGRAFIAS na substância nutritiva do AR(SOL que não regressa sobre AS NUUVENS _____ PROFUNDEZA POÉTICA _____)

POROS FLÓRIDOS/mutação da cifra do corpóreo ONDE a continuada insinuação das caligrafias oscilatórias desequilibram o manancial das incoincidências dilacerantes das sismologias florísticas. Alavancas das conflitualidades das vivificações contra a neutralização das sínteses do descobrimento geológico _____ esta eloquência das ressonâncias imagéticas é deslumbrante porque permanece na descentralização fenomenológica do corpo/texto/motricidade amorosa da plasticização.

JOSELY DESFIGURA a estilização das harpas das imagens ao desencadear as sinalizações voláteis do corpo/incógnita. **O espargimento lexical aferrolha a imersão(impulso motor) doutro corpo ambíguo (descendência do ABISMO caracterizando o mandamento da mecânica geneticista/orgânica/textual como uma catedral cinematográfica dos reflexos e das fendas graníticas _____ ou será a pré-história da apocalipse na materialidade da investigação do inexprimível sobre o corpo-da-matriz-microbiológica que explode a sua germinação na receptividade idiomática das fundições paroxísticas.**

A dimensão perceptiva condensa-se nas deambulações do **corpo/muralista** ou nos espelhamentos agrupados noutros chamamentos inorgânicos (luminosamente a

cachoeira das atmosferas barrocas procura a visibilidade incisiva da unidade histórica para participar na totalização do desconhecido como uma azagaia vibratória da singularidade afectiva a penetrar nas gramalheiras do ostracismo da linguagem _____ Realização/transformação do ser _____ fulguroso alcance do écran regenerador das físicas corporais diferenciando a área da irredutibilidade do movimento de outros territórios mensageiros das informuláveis linguagens(linguagens das fibras inenarráveis sobre a violento arremesso da dualidade_: mecanização das formulações das loucas realidades / sentidos tempestuosos no desmancho **das encruzilhadas BOTÂNICAS.**

A POROSIDADE heterogénea da contemponareidade é indeterminada sobre as avenidas extravasantes dos sentidos como as intempéries epidérmicas a transcenderem as matrizes das perspectivas entre a sublimidade da defrontação perceptiva . **AQUI JOSELY interroga a reconstituição das contrariedades pulmonares da referencialidade-: FOTOMETRIAS/FLORA/ PLANETOLOGIA através dos desenhos-ou infravermelhos das geomatrizações das inflorescências**) ; identificando as vocações dos rituais neo-primitivos ___(difusamente metalizados pela libertação mais interior/ difusamente transmutados na espontaneidade vegetativa ___) As ultrapassagens insituáveis das dissemelhanças da civilização mais insondável (des)centraliza a existência bravia como a determinação da especiosidade botânica a articular a universalidade das desconceitualizações das **corpografias _ ar _ poros flóridos _____ CRISTALOGRAFIAS** a desocultarem as **biografias-figurações do subsolo _____**

Os excertos da elementaridade corporal bruxuleiam até aos confins inomináveis da intelecção da afectividade/espécie livre _____ textura dos epítomes alucinatórios da percepção

A plenitude dos poemas impulsionam figurativamente a impressão rítmica do rejuvenescimento da lubricidade como a rebentação dos domínios da celebridade/LAVA a cadenciar os elementos inspirados Das EFÍGIES _____ eixos fundadores do esplendor dos SIMULACROS _____ composição das morfologias dos axiomas excepcionais onde a dinâmica iniciadora do enquadramento FLORÍSTICO é percebida na geneticização da alteridade HUMANA/TERRESTRE _____ RECONCILIAÇÃO do mapeamento da singularidade das transgressões entre as micro assimetrias dos palimpsestos que constituem a densidade iniciadora dos corpos/VEGETAIS incictrizáveis

A somatologia das circunscrições fantasmagóricas INTERPOSICIONAM-SE nas focalizações constitutivas do mestiçamento dos signos suspensos noutra corpo universalmente antropológico e a vivacidade primordial da cisão excêntrica do corpo/POEMA representa a incontaminada amplitude da metaforose meteórica _____ matéria prima indefinidamente manipulável sobre(intra) os cosmos balbuciantes contidos nos genomas universalizáveis das alternâncias rítmicas

___Reservatório da desordem/ordem das figuras-signos onde as biografias das afinidades descobrem a poesia das possibilidades plásticas entre a **dramaticidade da amplitude rizomática**

JOSELY/hieroglífica _____ duma visibilidade que autonomamente engendra a intensificação do limite libertador _____poética dos líquenes da essência amplificando as expressividades coruscantes, enigmáticas sobre os signos da circularidade semiológica Esta incorporação orgânica ___ esta **MUTAÇÃO VERTIGINOSA** do princípio medular dissemina as telas das fulgurações como um movimento de escamas genesíacas a ritualizarem a tremulação da substância do indecifrável _____

NUVEM SOBRE O SOL _____**especificidade (im)penetrável do teatro-ABERTO onde os espaços ancestrais/CONTEMPORÂNEOS reorganizam a potencialidade das descrições da odisseia poética _____ instante vertiginosamente teatralizado na transitividade das reminiscências DO LOUCO ORGANISMO**

LUIS SERGUILHA

estória de amor

*Love is just a lie
Happens all the time
Swear I know this much is true
(The Magic Numbers – Love Is a Game)*

Era como se o mundo fosse muito maior do que a cidade e nós estivéssemos dormindo.

A mão dela fez de fora despencar a maçaneta na claridade da sala. Recolhi quase junto ao fundo do cinzeiro o cigarro recém-tragado esfumaçando a janela de vidro que dava à rua de mão única; ao outro lado um fícus estático desenhava a escuridão: temi olhá-la.

“Não precisa apagar” (encostou-se com as saias abertas no rodapé à esquina do cômodo)

“Você não demora”

“Quando a gente chegou nesse ponto?”.

“Não sei” (pausa pra outra tragada, finalmente após esta apagarei o cigarro) “Eu queria me desculpar mas não sei o que fiz”.

“A gente esquece então?”.

“E se nós lembrarmos depois?”.

01 – Domingo, o dia se passa na modorra de um céu azul crasso. Caminho pelo calçado irregular que circunda a praça, o calor afogueando o vão dos dedos nos chinelos. É dia de jogo, braços em discussão decoram o bar da Ilha. Peço um maço de cigarros e um dropes garoto, um refrigerante: o garoto-atendente demora entre cascos de cerveja e guaraná tamanho família. Ando me esgueirando pelo corrimão de concreto da ponte, as águas pardas do Paraíba morrendo abaixo. Subo a ladeira de paralelos movediços ao lado da pequena praça na entrada do bairro e espero impacientemente vinte trinta minutos pelo ônibus num dia nulo. Acomodo-me no carro empoeirado que me leva ao centro da cidade, ainda não sei porque desço antes, talvez pelo tempo

da espera se tornar mais curto com os passos até o calçadão do Porto Velho. Encontro-a duas, três horas depois num bar frente à lateral do palco que montaram para o Carnaval anterior ao próprio e já estou tonto das cervejas em companhias ermas quando a vejo beijaflorando entre marchinhas, rodeada de amigas.

02 – “Isso é pra você”.

Nada mais falo. Descubro que ele não gostou da blusa quando no azul dos olhos o vermelho encarnado reflete monótono. Um sorriso leve e amarelo povoa o banco do motorista e ele agradece mesmo assim. Mesmo assim. Acaricia com a ponta dos dedos em felicidade epidérmica minha nuca e os cabelos miúdos que deságuam do rabo de cavalo em meu pescoço. Sem dizer nada gira a chave na ignição.

- Vou fazer uma cópia.

Eu disse num tom prontamente aceitável, mas a voz ao fazer a curva pelo corredor que levava a sala à cozinha, chegou ao seu ouvido embaralhando as sílabas, imbricada. Conseguia, no entanto, ouvir os barulhos vindos do outro cômodo habitado, um pacote sendo aberto, o sussurro da chaleira ao fogo.

- Oi?!

Ele gritou mais do que o necessário para ser ouvido, um “oi” mais para “ahn”, “hein”, desmantelado, indiferente.

- Seus textos. Vou fazer uma cópia!

- Estão no quarto!

Uma frase inteira, com sentido compreensível. Alta. Ainda assim indiferente.

Era o dia da viagem, três dias apenas. Ele me pedira para ficar na casa cuidando das coisas. Cuidando das coisas. Que coisas? Talvez as minhas que já abraçavam certo espaço pelos pequenos cômodos: uma escova de dente, chinelos, uma xícara específica para o desjejum. Ainda lembro o dia em que ganhei certo direito a abrigar-me.

Foi num sorriso que ele adentrou ao escritório com as mãos para trás, e no mesmo que percebi não se tratar de um par de brincos: ele desenha indubitáveis e mínimas rugas à altura do rosto por qualquer força: - Parabéns!: - Não é meu aniversário.: - Mas você acaba de ganhar uma gaveta!: Rimos os dois, puros, era um dos muitos passos a serem conquistados. Iniciei o galgar degraus pela organização das roupas, no alinhamento da escova de dente pela bancada da pia, nos objetos displicentemente deixados pela casa ao alcance dos olhos, coisas quaisquer que o fizessem lembrança e carinho. Porém nada. As evoluções abandonaram-me logo no início. Futuramente dois três meses e a mesma rotina. Chegava do trabalho o esperava por minutos, horas talvez, deitada na cama folheando os livros que arriavam as prateleiras do guarda-roupas.

- Eu preciso de mais espaço aqui.

- Uma gaveta?

- Uma gaveta ta bom. Pra colocar meus brincos e a maquiagem, não deixar nada espalhado por aí.

Um dia encontrei os textos, um maço de folhas A4 ao lado dos livros. Provável que estivesse só, ele em viagem talvez. Tentei decifrar os garranchos que costuravam o papel, algumas palavras sublinhadas, o fim do texto em cor distinta; um conto inacabado, as lembranças de um homem, uma mulher ausente: achei ruim, preferível folhear os livros. Era início da noite

quando resolvi sair, andar. Alinhei os papéis batendo-os na escrivaninha, guardei-os na gaveta destinada a mim. A casa tornava-se insossa sem ele. Com ele, talvez o mesmo. E mesmo com minha presença as paredes não se aproximavam da diferença, quem sabe trocar a mobília para que ressurgíssemos menos incômodos.

03 – “Não, não era isso que eu queria dizer, era outra coisa”.

“A gente tropeça mesmo nas palavras quando quer dizer alguma coisa”

“É, acho que sim”.

“Então diz”

“Bem, espera: agora eu sei como dizer”.

“Quer casar comigo, é isso?”.

“Não, ainda não”.

04 – A chuva fez poças por minha rua inteira, mas ao choque do sol os paralelos ainda molhados desenham arco-íris mínimos perfeitos. Espero, e por esta formulo minhas impressões. Ninguém minimamente comum fica sentado na guia com os olhos plantados no chão a caçar formas. Lembro-me de menina ficar frente ao paredão da Rede desenhando monstros nos negrumes das infiltrações. Nada além disso. Antes menina. E quanto mais seus passos não me encontrem a quinze minutos depois do tempo marcado, resultarei ao inverso lembrando-me de quando os pés e olhos brilhavam por aí.

Rememoro os casos antes de chegar a tê-la em minha frente, enumero os que me lembro, mas nada me leva a realizar qualquer idéia, seja tristeza ou felicidade.

05-

Vesti meu melhor terno e a

encontrei com uma rosa
murcha, fruto de um ibisco,
na lapela, um chapéu Panamá
um tanto atabalhado e
sapatos bicolores que me
deixavam tolo e mal cuidado
no andar: perfume barato e
barba mal feita não toleram o
cheiro fúnebre que me abraça
o cigarro de filtro amarelo.

Jambeiros sombreiam as
entradas da praça dilacerada
por gentes enfurecidas em
discussões e carícias e
garrafas de vidro nos tampos
dos carros estacionados em
diagonal e reparados pela
calçada. Ao fundo a linha
férrea dormita esperando o
próximo e incômodo trem a
interromper o trânsito e as
conversas por minutos
contados entre vagões. Acima
o clube já espoca as primeiras
luzes e sons da festa a seguir e
suas escadas consternadas

aguardam o desfiladeiro de saltos e solas a subir e descer: trôpegos ou não.

Um vestido curto: branco – espero que goste da pluma das asas, por que não da auréola? Lhe incomodará as coxas à mostra, os ombros? Quase nada em maquiagem e perfume só por trás da orelha.

06- A pele tem todas as tonalidades que o moreno pode obter. Talvez tenha tomado sol durante a última viagem, mas não sei se ela foi à praia ou a serra, às compras ou a trabalho. Os lábios ainda se fecham mesmo antes de completarmos o beijo – e isso me irritaria se não fosse ontem (lembranças fazem parte de um agudo imaginário onde não se distingue mais o que realmente é ruim).

Dormíamos juntos. Entrelaçados, o mundo parecia estar reduzido aos corpos em sono.

07- - Biscoito?

Não pensei que chegasse assim, qualquer fosse esse alguém, ainda mais um sujeito longilíneo, caminhando esquálido pelos outros que se encrostavam frente ao palco da Ilha, Agosto gélido.

- É chocolate.

Via, mas a observação idiota me fez sorrir entre dentes. Ora, um sujeito magro com as calças muito mais largas que as pernas, o cabelo partido ao meio, os óculos grandes demais para o nariz fino escondiam miúdos por trás os olhos azuis.

- Seu dente vai ficar sujo,

Ria de novo, ria, mas de raiva, dessas que se sente em ponta e que a extremidade é abrigada em si com certa intimidade anímica, alegria. Os olhos descortinavam-me o rosto.

- refrigerante?

08- A água que desce corrente ainda não me pertence, não sou sujeito a percorrer piscinas ou cachoeiras nos fins-de-semana, prostrar-me sem camisa a torrar num sol sem cor aparente. “Não vai entrar não”: ela ergue conchas d’água com as mãos a banhar as coxas, estão vermelhas, mas uma cor encarnada, próxima à possibilidade da pele morena; pergunta e sorri ao mesmo tempo, os cabelos já molhados num rabo de cavalo: “Não”: jamais a mim a água revelará posse, pequeno entre árvores e terra sob o céu de nulas nuvens; recolho-me a uma pedra e tenciono acender um cigarro: não me combina a natureza (ela namora a água desde os pés que se enroscam, passando pelas coxas, cobrindo-se no enlevo dos seios).

Posso pedir-lhe desculpas ou que esqueçamos tudo. Melhor. Duvido que nos lembraremos. Mas ao chegar: ao chegar, nem as sextas feiras têm mais o mesmo cheiro, aquele estranho movimento de se alçar vôo ao banho, trocar as roupas e sair de casa: Domingo.

09- Incrível como depois de algum tempo as vezes e encontros são ignorados pela memória, talvez a primeira se faça presente por lógica de importância, mas em geral, as lembranças se

esquivam dos fatos. Caminhamos horas nesse dia, uma chuva miúda salpicava-nos os corpos, dedos entrelaçados. Devia ser Fevereiro, ou meados, um dos pré-carnavais organizados nas praças domingos antes do verdadeiro feriado já se encerrara. Andamos por quase toda a extensão da cidade, o que, por esta ser pequena, não é nenhum absurdo, nem agradável recordação pelas paisagens se repetirem: uma praça, outra, casas baixas, a linha férrea e os paralelos, poucas árvores, e, por sorte neste dia, pouco calor: era madrugada, e enquanto as ruas e praças sem gente nos bancos dormitava, nós permanecíamos claros, lado a lado.

10-

Um beijo: era já hora, mas o tempo transpirava minutos ínfimos em sonolenta eternidade. O salão estava cheio, luzes espocavam diabos e batmans, oficiais do exército e enfermeiras, latas de cerveja e guimbas de cigarro, conversas entrecortadas pelo paredão de caixas de som no palco ao fundo. A parca iluminação tende a minar a existência dos candelabros agarrados ao teto: descrições extremas às três e meia quase quatro da manhã potencializam a urgência da hora.

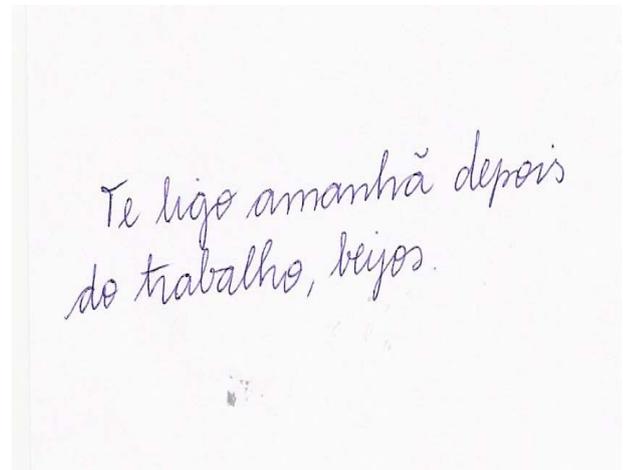
Na lapela a flor se fora há tempos, o chapéu pende a cabeça ao lado esquerdo, mas os olhos, esmagados por empurrões de dança, fumaças minhas e outras, vozes e luzes e som, felicitam a existência da auréola tão assim emurhecida. Passo por um soldado, uma coelha, duas colegiais enrolando a língua em canudos de plástico. Mais três ou quatro passos e posso tê-la; já percebo que me viu mesmo que por entre corpos. A hora certa a um aperto de mão cordial, perguntas sem grande importância, ou um beijo.

Revirei as prateleiras desorganizadas por ela há tempos, normalmente me acho, como todos, na própria bagunça, mas o turbilhão alheio em suas coisas torna-se facilmente um vendaval sem norte. Na gaveta inferior do guarda-roupas, a mesma que há tempos partiu-se entre

tampa e fundo no abrir , onde antes habitara meus chinelos e o tênis furado de futebol de salão em noites quentes na quadra do São José, agora reveste-se de calcinhas e meias chafurdadas numa exímia separação por cores. Noutra, onde colocava minhas cuecas, um sache verde claro perfuma camisetas de tecido simples brancas, beges, cinzas. Procuo, em verdade, minhas notas.

Péssimo viajar por alguns dias e deixá-la aos cuidados da casa.

Saches verdes perfumam camisetas (as mesmas que a delineavam o corpo), outras coisas mais ampliam sua presença em meu lado mesmo na ausência: uma foto na escrivaninha do escritório, nós abraçados em qualquer lugar; um batom na mesa de cabeceira; uma escova de dentes vermelha e branca ao lado da minha; um pequeno bilhete fixado no vão estreito entre o armário e o espelho do banheiro, caligrafia arredondada e rápida



Caminho descalço pela casa ainda à procura das anotações, na cozinha elas não estarão, mas algo que possa enganar a fome ou ao menos restringir a mínima irritação nos lábios que prenunciam um cigarro, talvez. Abro a geladeira e o frio me ilumina, nada a fazer: meia jarra

d'água, suco de caju lacrado, um naco de doce de leite em barra. As notas devem estar na escrivaninha como nunca, antes por cima do vídeo-cassete na sala, ou ao lado dos livros no guarda-roupas, como sempre. Sigo percorrendo os espaços (mastigando o doce de leite recém-descoberto; a forma confusa agarrando-me elasticamente aos dentes, um gosto sutilmente enjoativo me ressalta a validade), os cômodos. Experimento lembrá-la nos cheiros das camisetas e do batom, mas o sache inebria-me. Chego à escrivaninha e as notas ali estão, alinhadas e solitárias na única gaveta. Refestelo-me no sofá da sala frente à janela tentando decifrar minha letra na penumbra. O texto me incomoda não só pelo pouco sentido, também pelos grifos que a clamam, o título em minúsculas, a cor distinta das frases finais.

Amasso as notas ao fim da leitura dobrando-as, enfio-as no vão entre o braço esquerdo e o acento do sofá. Sobre o mesmo braço o cinzeiro de vidro, um cigarro de filtro amarelo e um isqueiro roxo: acendo-o. Trago-o à boca sofregamente não por agonia mas por embelezar-me os olhos o filtro já gasto: gosto das coisas pela metade. Esfumaço a vista vigiando o fícus ao outro lado da rua. Provável que ela não venha.

É estranho que minha mão esteja tão firme ao empurrar abaixo o alumínio frio da maçaneta da porta de entrada. Caminhei por muito tempo e sempre temendo encontrá-lo pela provável derradeira vez. Esclareço a sala com o olhar tentando contê-lo no apagar do cigarro, já chegou o tempo de encararmo-nos às claras.

“Não precisa apagar” (encosto-me com o corpo dolorido da caminhada. As pernas levemente abertas tentam recolher algo sempre exposto, como se postasse um cego à luz a fim de rasgar-lhe os olhos)

“Você não demora”

“Quando a gente chegou nesse ponto?”.

“Não sei” (ele curva os lábios como nunca para abocanhar o cigarro, um movimento que joga a cor de carne para trás e palpita-lhe o rosto, o que prevê novas tragadas) “Eu queria me desculpar mas não sei o que fiz”.

“A gente esquece então?”.

“E se nós lembrarmos depois?”.

Idée

Começo a (re) ver o visto
Como algo impossível
Descarta-se Descartes
Nessa poesia anti-lógica
Penso logo: resisto.

Lição

Para meu bisavô

A quem
me
ensinou
o indizível
sem dizer
nada.
A quem me
mostrou
(como Rosa)
que o
amor
é a vaga
indecisa
palavra.
Por que
enfim
tudo
é
por
tudo
nessa
estrada.

MÁQUINA DE COSTURA

**MINHA MÃE COSTURAVA OS DIAS
NA BAINHA DOS VESTIDOS
QUANDO A CASA CAIAVA-SE DE SOL
E ARDIA NO BRANCO DAS HORAS.**

**NA RODA GIRAVA A BATIDA SECA
DA LÍNGUA SECA.
CORREIA DE COURO
QUE MOVIA MEU MUNDO
NO METAL DA MÁQUINA.**

**MINHA MÃE COSTURAVA
A MANHÃ PARA TARDE
ARREMATANDO OS DIAS
NO BURACO DA AGULHA.**

**POR ALI PASSARAM
A LINHA E A VIDA
INACABADAS
NO JARDIM ESTAMPADO
DOS DOIS VESTIDOS DE CHITA.**

No fundo do espelho interminável

Trazia uma branc'asa sobre os braços, a quem curar os ferimentos sofridos graças à longa viagem de fuga do sertão. E remir os pecados durante o procedimento de assepsia das penas, aquelas funduras ásperas por onde metia as mãos, a fim de salvar a ave que desistia pouco a pouco de tentar nova fuga. “Acalme-se, branc'asa, que a fortuna já vem”, dizia o velho, sabendo que toda solidariedade se firma num solo de primitiva inocência, obriga uma singeleza dessas em que se fala a aves na língua dos homens. “Acalme-se, branc'asa”, repetiu várias vezes. Um instante de descuido, então, e aquelas asas brancas entreviram um facho de céu pela janela, por onde alçou um vôo torto, sonhando azul em tanta água intocável.

¹ Mestranda em Teoria da Literatura (UFMG). Participa do conselho editorial do jornal mensal de literatura e outras artes *Pausa* Nasceu em Belo Horizonte, onde vive ainda hoje. Contato: maraizalabanca@gmail.com.

O ANOITECER EM SANTA CRUZ

**PERMANECE O GATO NUMA POÇA DE SOL
ESTICANDO OS MEMBROS NOS EXTREMOS
ATÉ ARREBENTAR-SE EM NOITE.**

**DEBRUÇADA NO PARAPEITO DAS HORAS
ME CONSOLA SENTIR -
NADA MORRE COMPLETAMENTE.**

**O CÉU É COBERTOR DESBOTADO.
PERDE O AZUL PARA O AZULADO
COM QUATRO NUVENS RALAS.**

**NA PENEIRA DAS ÁRVORES
COLHO AS BOLAS PRATAS DE SOL.
DISSOLVIDA À TINTA PRETA
NAS FOLHAS PRETAS. JÁ NÃO SEI,
QUAL É A NOITE E QUAL É O POEMA.**

**UM GRILO REPICA O SILÊNCIO.
POUCOS SE MOVEM NESTE INSTANTE.
É ORAÇÃO SEM PALAVRAS
E O SILÊNCIO ALCANÇA DEUS.**

O ESPELHO

Marcos Roberto Teixeira de Andrade

“Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro [...]”.

(Machado de Assis – *O Espelho*)

“Os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que nasceram e a que se afizeram, mais e mais”.

(Guimarães Rosa – *O Espelho*)

“So seek the wolf in thyself”.

(Metallica – *Of Wolf and Man*)

As contemplações de mim: no lago da minha vaidade. As suavidades internas – e minhas contemplações narcíseas: no lótus dos meus narcóticos. Ah, que a estupenda beleza esta é o que me narcotiza – sim: me faz o horrível bem. A estupenda beleza esta que o *espelho espelho meu* desconhece rivalidades: nem *cinderelas*, nem *brancas de neve*. As belezas absolutas – minhas. Mergulho em meu lago: sem conhecer o fundo, nem perder as respirações. Suspendo-me nos etéreos; me origino em meus deleites. Que é este isto o doce do meu prazer: a estonteante beleza do que sou.

É aqui que me excito: na beleza deste retrato que me pinto. É aqui minha satisfação: a bela muda contemplação masturbatória de mim. Me afago em meus veludos: debuxando a beleza dos traços que me confirmam. Este lápis e este papel: me cinzelando as agradáveis formas. O lápis e o papel que me refletem: os belos lindos traços. O lápis e o papel: e os meus belos lindos olhos; os belos lindos cabelos; os belos lindos lábios; as belas lindas orelhas; o belo lindo nariz; a macia e suave tez. É, sim: o lápis e o papel que me refletem: *m’idealifação*. O orgasmo da minha alegria: como ninguém nunca como eu nas belezas tantas; ninguém nunca como eu. A divindade de mim: e minhas formas *michelângelas*.

Doutorando em Estudos Literários pela UFJF/Bolsista FAPEMIG (marcostorga@yahoo.com).

O estupor maravilhado: o fascínio que me harmoniza; o estupor: ante as tantas delicadezas belas. Ah, a magia de um auto-retrato: os gozos consigo mesmo; a magia egocêntrica: as feiticeiras transmutações que delinham. Este auto-retrato de mim: o que nunca vi mais belo; este auto-retrato: às avessas de Van Gogh. Me contemplo, aqui, nesta beleza nunca vista: *me miro e regozijo*; me acaricio em minha maciez; me enlevo em minhas sinfonias; me aconchego em meus confortos; me aqueço em meus invernos; me adormeço em meus *ninares*. Este o auto-retrato, *de-mim* – meu: o lápis e o papel em contubérnios feéricos.

Mas há luz e trevas, também: estas alquímicas mutações que me azedam. Há luz e trevas: *jekyll-hydeamente*. A luz e as trevas: e as minhas lisas suavidades que se encrespam. O estupor que me amarga: o delineado da minha beleza em horríveis transmutações. É o que me contemplo, agora: as minhas suaves harmonias em surreais desafinos. Assim, loucamente, ante *minhas retinas que se fatigavam*: as transformações alquímicas. É o que me não *auto-retratei*: o apocalipse das minhas formas. A inversão de mim – é o que só pode ser: os horríveis feios olhos; os horríveis feios cabelos; os horríveis feios lábios; as horríveis feias orelhas; a crespa e ressecada tez. O monstro de mim, meu: as desgraças que nos habitam. Mordo minha língua: como a mudança essa?; donde a alteração?; as alquimias anatômicas: mas o ouro em ferro transmutado?; que artes são?; as maldições *doryan-grayanas*?; tanta beleza em tamanha feiúra – como?; posso ser eu isso assim? Ou o enlouquecimento da minha cabeça: será?; será o *vício dos meus olhos*?; uma tão bela figura nesta tristeza da existência? Pode não, posso não: posso ser eu não. Não me caibo, não; me renego. As trevas que não podem me habitar: sou eu não.

Nos ásperos ascos do meu ressentimento, pico picadinho o assombro deste papel: rasgo o que me dói. Pico em pedaços picadinhos esta folha da minha agonia; sufoco meus incômodos. Mas a mágica da realidade: as mínimas rasgadas formas coligadas novamente. Assim, em espantos: cada um daqueles picadinhos em seus movimentos espontâneos se *auto-encaixando* – como as peças e o quebra-cabeça. Se mexendo, sozinhos – vejo: recompondo o horror da minha existência. Atravesso minha noite:

rerasgo tudo nos outros pedaços picadinhos – mas a tenacidade da recomposição. *Rerasgo* – com fúria, com loucura, com paixão: mas a tranqüila tenacidade da recomposição. Então, agora, me ocorre o supremo: a conversão desta minha dor em cinzas queimadas. Se os rasgados pedaços picados obstinam renitentes – é o fogo que lhes há de haver, então: a purificação ígnea. Risco, acendo o fósforo: o *amarel'azul* da chama que me alegra. Suspendo o papel para que o seu lento arder: e a flama que aos poucos tudo retorcendo e enegrecendo. Contemplo em minhas satisfações: a fogueira da minha vaidade... o consumo do que me consumia... a ardência do meu espanto...

Mas o golpe no estômago: o absurdo e o nocaute. O absurdo, sim: quando este papel, aqui, quase todo cinzas, quando sua forma quase toda tostada – é o espanto que me ruge: o gigante monstro ígneo. Da última chaminha que já bruxuleava – se faz: o *abominável monstro de fogo*. Daquela última chama pequeninha fraquinha – o ardente ser do que não sei. Me sofro: com toda a fúria e sanha das suas ardências, esta flamejante incrível abominação me surra com os seus açoites ignívomos. Com toda a fúria e sanha das suas ardências: me maltrata com as brasas do seu ardor. Sim, com toda a fúria ardente: me chicoteia, me esmurra, me esbofeteia, me chuta, me torce, me estorce, me lança contra o teto, contra o chão, contra as paredes, me vira, desvira, *tresvira*: cada golpe seu uma nova queimadura de mim. E me chicoteando, me esmurrando, me esbofeteando, me chutando, me torcendo, me estorcendo – até as minhas amarguras: nas *sarjas* das minhas feridas. Ardo em meus cambaleios; queimo. Me resto espalhado no chão; queimo. A *abominável criatura de fogo* nem mais as fumaças; nenhum enxofre, aqui, mais. Apenas eu: nas queimaduras da minha solidão. Rastejando em meus vermes; engolindo minha ânsia.

No osso das minhas dificuldades, me ergo em meus espinhos: tentando entender as fumaças do acontecido, reviro os quatro cantos – mas nenhuma sombra, nenhuma cinza, nenhum nada daquela fogueira. Ardo nos espetos: as minhas flamejantes alucinações, seriam?; o fruto ardente dos meus devaneios?; nenhuma fagulha daquilo acontecido – será? Mas a dor das minhas queimaduras no real dos fatos: as lembranças que ardem. O queimado das minhas queimaduras em suas muitas realidades para que

tudo aquilo apenas o caleidoscópio do meu imaginar; o queimado das minhas queimaduras é que me confirma aquele incêndio.

Me manco, então – mas a surpresa que sobre a escrivanhina: os picadinhos coligados ali outra vez. Sim – sobre minha mesa: a recomposição coligada do meu aspecto que me abomina. A minha *desfeiguração*; o lobo de mim. O automático da minha mão com as intenções do picado picadinho tudo de novo: mas o ardor das minhas queimaduras. A cada momento que mais aqueço este desejo, mais o ardor dos meus queimados. Ah, me contemplo neste outro meu: o desânimo que me abate – o quando não se sabe o que fazer. Pendo em mim: até que reparo melhor: a bela dourada moldura que aqui ao lado, *donada* surgida, no sobre a mesa. A dourada bela moldura, nos exatos tamanhos desta minha desfiguração retratada. A idéia que me ocorre: a moldura na parede – e os meus imediatos alívios refrigerados. A cada vez que desta idéia mais me convenço: maior o refrigério que em mim. Então, faço – executo: encaixo minhas ásperas essências no dourado desta bela moldura. Me encaixoto, aqui: nos apertos retangulares. Me contemplo: como que uma nova simpatia a sorrir para mim. *Vejo, miro*: que há as certas simpatias nesta desfiguração, também. Há certas luzes nestas trevas; há como que uma *cinderela*, também, neste monstro encantado; há suavidade, também, neste horror. Há mim, aqui... Reconsidero, reflito – faço: a moldura na parede. Penduro, aqui – no flanco mais destacado e visível do meu *caligariano* gabinete: a rutilância desta minha escuridão.

Poema pobre

Um poema
pode ser
público
pálpebra
plástico
páprica
póstumo
pétala
pântano
pólvora
péssimo
página
pássaro.

Um poema
pode ser
pouco
para
a
poesia...

Poesia na pele

Teca Miranda

O verso clama abafado...
preso na porta de entrada,
sentindo o olhar abismado
corre e escapa em lufadas.

Adorna-se de todo amor,
essa emotiva e doce loucura
que por vezes causa amargor
a quem busca essa ventura.

Liberto pela colorida fantasia
na poesia é então acolhido,
lançado ao léu pela ventania
no coração busca o sentido.

Refúgio

Dulce Mary Godinho Pereira¹

Enfim me ponho a produzir
Assim me acalmo e me revigoro
Minh'alma agradece.

Enfim o descanso
De frente ao papel

Ao meu lado o álcool
Reluzindo todo seu brilho
O aroma me seduzindo
Embriaga-me e também ao quarto

Escrevo sempre no mesmo modo
Displicente, descompromissada
Quero suprir anseios aqui dentro...

Enfim a solidão
Discutindo todo o silêncio
Vozes caladas
Paz!

Que seja! Que seja dor!
Se me importo? Agora não!
Refúgio de fracos
Refúgio absorto dentro de mim.

¹ Mestranda em Teoria da Literatura (UFJF)

Sonetos

I

Com a tua fragrância natural,
Tu, flor, tens contigo o maior poder.
Em teu odor, amantes vêm colher
O instrumento da conquista eternal.

Mas tu não te envolves só com prazer.
Exalas tua essência sem igual,
Encobrando o mais triste funeral,
Louvando a quem acaba de morrer.

Tu, que aos mortos envolves com teu cheiro,
Por favor, não encantas o ar inteiro
Do velório de um humano em negrume.

Quando estiveres sobre o corpo meu,
Lembra-te de que o iníquo que morreu
Não pode merecer o teu perfume.

II

Minha vida, como um barco sem rumo,
Segue seu curso sem destino certo.
Quando me encontro entregue ao mar aberto,
Limita-me o pecado que consumo.

Meu caminho se apresenta encoberto
Pelas trevas do mal, é o que presumo.
Agora que meu ser perdeu o prumo,
Sinto que de mim a morte está perto.

Minha mente rompe ondas de incertezas,
Às quais minhas dores se encontram presas,
Tornando insuportável a amargura.

Sujeito ao mal que em mim se ensoberbece,
Meu coração, sozinho, permanece
Ancorado no mar da desventura.

III

Exaure-se de meu corpo o vigor!
Foge da minha mente a lucidez!
Percebo vir a mim com rapidez
O monstruoso cavalo incolor.

O cavaleiro revela altivez!
Sinto o corpo tomado de pavor,
Quando o ouço bramir com destemor:
"Vamos! Eis que é chegada a tua vez!"

Tentando controlar meus sentimentos,
Me ponho a meditar por uns momentos,
Me concentro, não me movo e me calo.

O cavaleiro mostra sua essência,
Porque já sabe que eu, sem resistência,
Me deixarei levar em seu cavalo.

Jorge Luiz Mendes Júnior*

* Mestrando em Estudos Literários/UFJF

Tarde

O telefone tocou?

,deitada de bruços, o ventilador de teto para cima, senão frio demais, lembrando, ziguezagueando as horas na imagem do menino indo deitar, shorts xadrez em vários tons de cinza, o dorso descoberto molhado pelo suor de um Dezembro em férias, os cabelos aplanados no braço esquerdo do sofá: boa noite dorme com deus tenha bom sono e bons sonhos, olhando-a duas jabuticabas semi-esgueirando-se pelo teto branco gelo, a face da televisão explodindo em gols da última rodada do Brasileirão *últimos dias do Arena Sportv*, rememorando quando vagava num início de tarde, dez onze de outubro, as pernas axilas rosto nuca abrasados pelo amarelo do sol de um meio-dia de sempre, pela ruela que desenha o vão entre a Casa do Estudante e a Cirandinha Nacional numa loja de brinquedos descontar uma ficha do mês anterior dois bonecos Comandos em Ação, e ele olhos ávidos no Batmóvel pomposo da vitrine, “mãe eu quero!”, a magrinha vendedora, “leva pra ele”, e ela resolvendo “não, meu marido já comprou o presente, não vai precisar”, ele grunhindo, esperneando, nenhuma lágrima, andando direta no rumo da praça arrastando o tiquinho de gente, esfrangalhando seu pulso esquerdo num “em casa a gente conversa” entre dentes que chegando potencializou-o em berros e lágrimas e um castigo de semanas sem colocar os pés na rua, “nem pra ir na quadra da vila? nem pra ir na graminha da ilha? nem pra brincar no beco da caixa d’ água?”, não senhor, mas depois que ele rolava o corpinho em silêncio miúdo encerrado no quarto ela toda num rompante em agarrá-lo, esmagar-lhe os cabelos no colo lembrando das quantas vezes e estorinhas a contar com a colher na mão à altura da boca, “então o he-man foi tomar banho e chegou a she-ra” e ele nada, lábios fechados e depois, pelejando a dormir, horas a fio, dor de ouvido, dor de estômago, um pesadelo choroso que lhe alçava os pés na cama de casal entre pai e mãe, ela levando-o à sala, miudinho sempre, encaracolado em seus braços, cantando até chegar o sonho,

*Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação*

mas o moleque ainda menino, ainda miúdo, levar no médico, biotônico Fontoura, abrir-lhe o apetite, desviando do caminho de casa depois da aula, “na pinguelinha de bicicleta”, “na ilha jogando bola”, “no São Sebastião soltando pipa”, e ela a retrucar-lhe, não pode meu filho, hora de chegar é hora de chegar, “seu pai fica uma fera”, Cosme e Damião o mesmo suplício, pior talvez, esfrangalhava-se em preocupações, levado ia pegar doces na Banqueta, Jardim Paraíso, “até no Boiadeiro, meu filho, do outro lado da cidade!”, e ele nada, bolinhas de gude esparramadas pelo tapete da sala, botões e estrelão pelo chão do quarto, achava lindo ele sozinho narrando os gols, “do Botafogo....Renato Gaúcho!”, e se aproximasse, opinasse, tentasse invadi-lo, ele de todo emburrado, relutando em olhá-la, parecia distante, nem dia das mães, na escola, cantava alegre música, Roberto Carlos, “*Como é grande o meu amor...*”, viu-o, sorria, entoava a voz quase mais alto que os outros, abraçava o colega bamboleando o corpo, “*nunca se esqueça...*”, ele a viu, e daí o grito cessara, calou a boca num instante, corpo nulo em movimentos, estático, ainda relutou entregar-lhe as rosas de papel crepom, a professora incomodando mãe e filho nos olhos miúdos por trás dos óculos de aro tartaruga, “rusga em casa, coisa pouca, depois passa”, ao fim, já caminhando pela Ilha em polvorosa de carros e pais e mães e empregadas a catar filhos e filhas, “foi bonito filho”, nada, olhos atentos pro alto da antiga ponte pênsil, os pontos extremos do concreto encarando o céu, “parece uns soldadinhos né filho? parece sim, é só olhar quando você tiver vindo do Porto, vão lá olhar?”

*Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação*

e desdobrava-se, das tripas coração, um suplício, trabalho na imobiliária, oito a meio-dia, duas às seis, duas horas pra cuidar do menino, almoço, marido, voltar, ele sozinho entre brinquedos, o

casal de velhinhas vizinhas a tomar conta, mas um custo, “não, muito obrigada, ele fica bem sozinho, é miudinho mas sabe se cuidar”, ele, “você não gosta de mim”, voz fininha de fim de janta, “eu tenho que trabalhar meu filho”, “o pai trabalha”: um agarro só os dois, Domingo no tênis, Sábado na avó da Ilha de baixo, “eu tenho que trabalhar meu filho”, ele olhos molhados olhando-a na testa, até que um dia, que dia mesmo, tinha de ir, Três rios, Sapucaia, Cataguases, mal sabe, carona, carona feita, certo, um dos meninos da Força e Luz indo resolver outras pendências, ela já com um pé dentro do carro, “Mãe!”, ela com os dois pés dentro do carro, “Mãe!”, olhos no retrovisor: menino se esgoelando, corpo cheio de areia, shorts vermelhos e lágrimas: “Mãe!”, “Melhor deixar pra outro dia”, subindo as escadas de ardósia que davam pra casa arremessou-o contra o sofá, ele rebatendo em si, ela em ruínas de nervos, gritava, “Uma carona certa! Trabalho meu filho, você sabe o que é isso?! Trabalho! E agora? E agora o que é que eu faço?!”, mas se encrespou toda sobre o corpo do menino, abraçando-o, chorando-o, odiando

*Que braseiro, que fomalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão*

e foram tantas brigas, tantos anos: ele crescendo, um galalau magricelo, calado, mas ainda assim respondão, truculento nas palavras, muito pior depois que o pai desabou na cozinha logo após um almoço de terça-feira chuvosa qualquer, “enfarto fulminante” disse o médico, e o moleque, homem já, até barba fazendo toda semana, cada vez mais quieto, revoltoso, socando a mochila em qualquer canto do quarto, arrancando abrupto os tênis, desligando só em frente à televisão, telejornal esportivo, apoiando o prato na palma da mão direita, nas coxas: “senta aqui com a mãe” não sentava, e ela esperando a hora do banho para vasculhar suas coisas, os dedos ágeis encontrando um maço de Star pela metade, uma caixa de fósforos, até que um dia no fundo da gaveta onde abarrotadas dormiam revistas em quadrinhos, envolto em plástico, na trilha única para indicador e médio, o bloco de orégano, maconha? maconha! maconha! “meu deus!”

maconha!, o que fazer, ouviu a irmã “manda morar com o Ruy em Juiz de Fora, lá ele trabalha, estuda, isso aqui faz mal pro seu filho, faz mal pra você minha irmã”, por que assim, seria feliz aqui, só precisava de um emprego, faz faculdade aqui mesmo, é boa, “felizes?vocês dois?”, ouviu-a, deixou-o, indo embora nem a cabeça pra fora do Progresso colocou, nada, nem que fosse um adeus, até breve melhor, ligava vez em quando ou outra, tudo a pedido do irmão, apostava, poucas palavras dizendo ta na hora, ta na hora, “tio Ruy não gosta que gaste telefone, tenho que ir”, “um beijo” – telefone mudo: e foram os empregos multicoloridos em firmas cada vez menos, foram as noites de sono perdidas de nem remédio dar jeito, aposentaram-na, os nervos, os cabelos brancos e as rugas poucas para cinquenta e alguns anos de invalidezes, tristezas remoídas entre os poucos haveres da casa, uma foto dele caipira, uma outra no colo de um Papai Noel em qualquer lugar, outra ele de longe, outro lado da estrada perto do sítio do tio, e agora que as palmas das mãos alçam-na à procura de um barulho ínfimo que seja, e agora sempre assim: nada, abaixo da janela o beco, as mãos trêmulas afastando a cortina branca, a tarde se encerrando entre fios de alta tensão e pombos que em rebuliço vão pra longe, levantam vôo dentre os vãos do telhado imundo da Rede,

*Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão.*

Teatro dos Sonhos

Paráfrases do mundo interrogam as estrelas
Quando planejam em si um vôo largo
Entre as áspides claras se conceituam os nódulos
Pontos fortuitos como
Sentinelas do mundo
Pulsando ali entre o escrever a necessidade
Plausível de um ser entre
Vocábulo pronunciado como causas
Profundas perpassam a camada
Hipodérmica e do seu traço
Se recompõe como laço, a voz de um
Teatro matizes conjugais de um poeta
O amor se fossiliza nas têmporas
Invadindo a retina
Consternando o papel , objeto
Inativo na mais ditosa viagem entre as
Distâncias que ladeiam a mim
O ser, o fora , o dentro
Sobre as insígnias do mundo
Ventilam no ar , com perfume adocicado
A sua imaginação frutífera forma
Alicersada na multiplicidade
Cultural do homem como pé , centro
Nordeste em si profícuo assento da primeira
Miscigenação brasileira , sobre o rigor de um
Não aguerrido no processo de conquista
Pulverizam consecutivas alteridades,
multifacetadas na consciência popular que
Aglutina a vida em fecundidade , destituindo o padrão
De sua modulação patriarcal , e hierárquica
Através da prática , das definidas formas concisas
Do ser entre siglas a margem o desenho
Pincela a extinção dos códigos fixos entre a alusão
Do texto na conclave austera , entre a risada
O choro , as tecidas solicitações do coro
Arquitetado em cena como por vir
Inquirido deleite do público em
Gesto.

Inserido na cultura nordestina
Galgando o movimento armorial a

Sua esfera noturna como passo
Hospitaleiro de uma gênese que deseja
Se insurgir na história com o acomodado
Descanso da memória em sossego com o
Passado .
Instalados sobre o recanto ébrio , transformam
Interagem com a cultura do mundo
Sem se perder, conclamando um reorganizar
Frutífero que dialoga com o mundo
A partir da incisiva cadência do sopro
Proferido no olhar enfileirado
De um conjunto de homens na placidez
Do garbo, a força , na dialógica do viço
O senso do coletivo que abraça o sujeito como
Amplitude distendendo a rotina sobre o augúrio da tradição
No lugar de origem a terra, no flamejo da pauta o sertanejo
No lugar do passado um presente contínuo vivendo o agora
Como pensar o ontem sem retrocesso simplesmente :vanguarda
Filtrada nos pastos antigos.

Tempo polissêmico

Adormecemos o tempo a fim de que
Pudéssemos brincar com o alfabeto
e conduzir ao mundo um novo movimento
Fazendo das letras
Formas e palavras de uma sinfonia clara
A exalar exalar
O cheiro de uma flor de laranjeira
Brincar com as temporalidades
E descobrir assim
Os caminhos que cercam a nossa memória
E do presente inverso
Do passado incerto
Tempo relógio
Tempo do calendário
Tempo individual
Tempo psicológico
Tempo coletivo
Tempo astronômico
Pura aventura polissêmica
Adormecer o tempo
Em continuas horas do
Sujeito
Parte do vivido
Vivenciado
Dito falado
Escrito ,anunciado
Eis e a modernidade .
Traz contigo um fio dos minutos
Como parte da infelicidade
O presente continuo
Promulgar do gerúndio perpétuo,
Fazendo, girando, construindo,
O presente inacabado ,
Confluindo ,conduzindo
Passado como alegoria inexistente
Adormecer o tempo
Para brincarmos com as estrelas
Afim de que se possa
Movimentar o universo
Mudemos modernos

Deixemos a inércia do tempo comum
E passemos para a polissemia.
Nossa voz do movimento
Dos corpos, dos homens, dos objetos.

Um pôr-do-sol em Icarai

Inebriado pelo doce perfume de damas da noite que resvalava paredes do Santos Anjos abaixo, após trancar o portão central e conferir apenas as luzes dos dormitórios das freiras acesas, virou-se à rua e focou estrabicamente à esquerda a casa vermelha defronte a quadra do colégio, um palácio nunca seu. Pois que mais uma vez caminhasse de volta, o mesmo trajeto anos e anos, um gole d'água na mina à altura da estátua angélica que emergia sobre a grama (sombreava demoníaca o jardim com o auxílio da iluminação pública), ladeando as casas semi-iguais que seguiam à primeira entrada para a Ilha, acompanhando o paredão da Rede – à direita a casa feito trem antes de chegar ao ponto da rotunda e seu cheiro efervescente de cajamangas que apodreciam pelo sol e solo de meios dias já dissipado, atravessando frente ao beco da Caixa D'água: a casa ao lado, na Sobral Pinto: cômodos escuros noite afora. Abriu mão direita à porta de maçaneta alumínio frio enfim num Março de calores e pancadas de chuva no cair da tarde, as águas do Limoeiro a subir o nível e invadir os quintais e lares dos becos e ruelas que desenraizavam-se pela Vila adentro, e vagarosamente sapateando os degraus da escada de mármore a segunda porta agora da sala de tacos recém-encerados naquela tarde quando pensou e o quanto pensara em tudo temendo dizer algo que da língua sobrepujasse em mentiras, idéias que despencavam pelos olhos a se repousarem pela área vazia nos sofás em L e mesa de centro baseando uma cúpula de vidro cheia de conchas marinhas frente à televisão que esmurrava imagens como única luz no negrume da casa. Um barulho aturdiu os ouvidos enquanto o corpo urgindo em descanso repousava no maior sofá, de três lugares; o corredor que fronteirizava a cozinha e a área de serviços e levava aos quartos de frente e do fundo e ao banheiro em seu fim recém-iluminado por uma voz de sempre,

Pai?

Passos vagarosos da filha percebeu, o arrastar das havaianas ao interruptor que lhe incomodaria os olhos refestelados na televisão,

tudo bem?

tudo,

tava arrumando a área lá fora,
aquele armário, tem tanta porcaria
pai, tanta coisa velha, tava pensando
o que o senhor pode jogar fora,
abrir espaço pra

deixa isso que
eu falo com a moça
semana que vem,

mas eu posso fazer
se o senhor qui-

já comeu?

já,

vou tomar um banho.

Repousou os braços carcomidos pelas ordens de sempre, retos como se os empurrasse aos azulejos de um branco quase em bege, aquiescendo à água fria que sabatinava nas costas as impressões de um dia gasto em vigiar garotos que com brioches e coca-cola médias em punho, rostos delineados em gel ou brincos espalhafatosos e fones de ouvido serpenteavam pelo pátio de pálido solado nos vinte minutos de intervalo entre as aulas, à esquerda a se reunirem na oca-quiisque ao ar livre, à direita trepidando escada abaixo até chegarem à quadra, empoleirados em mesas de totó ou lábios que se enganchavam em beijos de línguas sinuosas ao movimento dos

corpos em camisas pólo brancas e calças jeans e tênis e sandálias sob um calor cravado no meio da manhã; a tarde em igual mas crianças que em pernas miúdas de bermudas azul-marinho traçavam os mesmos percursos e ainda valorando o parquinho abaixo, à direita.

Um faz tudo no colégio, pelo colégio: consertando carteiras quebrantadas por todas as salas, carregando televisores e mapas e maquetes aos professores que o pediam, e moleques que a desatenção e a falta de pulso de muitos exigiam, podando árvores, lavando chãos: reconhecido por todos os caminhos na imensidão do prédio, labirintando por esguios corredores que davam vista para além da cidade, do Paraíba que recortava em águas barrentas e mortas tudo e todos os seus dias. Saiu da água estancado à idéia de recolher-se, a toalha enrolada na cintura, a macilenta carne do dorso pontilhando o recém-banho,

falaria?

um Hollywood recém-aceso entre os lábios baforando o quarto na ausência da noite,

a filha?

A FILHA: mulher já apesar dos dezessete anos, responsável, estudando ferrenhamente no colégio pelos serviços por ele prestados, faceira com as amigas e carinhosa com o pai, titular e medalhista da equipe de vôlei da escola nos jogos olímpicos municipais, linda nos cabelos encaracolados e castanhos à altura dos ombros molhados de águas recentes, a pele alva, sardas que aquarelavam suas costas e colo, a essa hora preguiçosamente repousa no sofá frente à televisão,

falaria?

A FILHA: pequena ainda em passos lépidos e vestidinho branco que vendavalava em torno das coxas nas largas calçadas do Jardim Paraíso, sequer soube por qual motivo a mãe jamais voltara após ir com um tio ao hospital fazer exames em virtude de um desmaio, um Junho frio que cortou o casamento do pai e a casa que tencionava a ser construída por um apartamento na Vila Laroça, antiga morada da avó, falecida dois, três meses antes, um enfarte que a acometeu nas horas do sono depois do almoço. Foi nessa mesma tarde, e mais pelos movimentos subseqüentemente repetidos que a levariam ser qualquer outra, que a vira mão nos joelhos azuis de joelheiras *teka* aguardando o saque vindo da extremidade outra da quadra, o céu já se escurecendo, e ela observada por um ponto único nas escadarias do colégio: boné vermelho e camiseta branca, sempre o mesmo rosto alheio ao tempo; e a vira vinte minutos adiante com a pele em pequenos caroços d'água, na respiração ofegante um “to indo já pai”, e ele escalando olhares pelos refletores, “o menino ta te esperando?”, “sim senhor, é filho do Dr. Hamilton”, “da Dona Dulce?”, “é sim senhor”.

- E então esse é o homem. Ô Miguel, que bom te ver.

O bar do Simplício redemoinhava entre jogos de buraco e bisca, cerveja e pinga, ovos coloridos e salgadinhos inundando guardanapos num Sábado corriqueiro: homens atarracados no estabelecimento escuro apesar do dia, suores e discussões políticas, futebol,

- Doutor Hamilton?

- Ta trabalhando fins-de-semana Miguel?Ou ta livre?

Doutor Hamilton, jovem ainda, a testa luzidia e os ralos cabelos de amorosas preocupações com a profissão, endinheirado, ginecologista, filho da cidade, família tradicional, anos a fio morados na

mansão frente ao Santos Anjos, um homem do populacho e das castas maiores, reuniões no Rotary e futebol nos campos pela cidade, mesas nos bailes de Carnaval do Rex Clube e cervejas no Bar do Simplício, no Dima's, boatos sobre sua candidatura a vereador, eleição certa pra todos, a Miguel talvez prefeito, não se espantaria.

- To precisando ir a Niterói visitar minha irmã que mora por lá. Você conhece aquelas bandas não conhece, pode me levar. Vamos só eu e minha mulher. Pode?

- Sim senhor.

Jovens, Doutor Hamilton e a mulher trocavam carícias no banco de trás do Del-Rey cor de ouro ao sol em meio a BR. Uma parada na serra, lanches e fotos do Dedo de Deus, da mulher posando alegre frente à paisagem fria, sorriso escancarado no tempo. Em Niterói paradas na Mesbla para compras, no campo de São Bento, no Caio Martins, fotos, lembranças, até Miguel ganhara um porta copos, um cinzeiro talhado em artesanato.

- Nós voltamos ainda hoje Miguel.

Na casa da tal irmã, em Icaraí, esperando o casal que antes repousara ao céu da praia (conversas entrecortadas com o porteiro do edifício quase à beira-mar “é só ir na janela e olhar pro lado, ta aí Icaraí, lá embaixo Botafogo”) e agora almoçava no Bom Canto, na varanda do restaurante de mesas escuras e toalhas brancas, garçons feito pingüins a servirem e servirem e

- De Minas não é? Juiz de Fora sua terra?

- Perto. Além Paraíba.

- Ah. O Flamengo vai decidir um torneio lá em Juiz de Fora acho. O time é bom. Gosta de futebol?

- Botafogo.

O sol dormitando pela maré de Botafogo como dissera o porteiro que esperava com ele o casal que fechava a conta do almoço em atraso.

- Vamos ali na praia rapidinho Miguel, depois a Dulce quer ir à missa naquela capela ali, parece que é seis horas, daí seguimos viagem.

Afundou os pés de tênis na areia branca e suja da praia observando o homem que se postava a olhar com a máquina fotográfica o outro lado do mar de águas turvas e céu alaranjado.

- Essa praia é linda, mas a água é horrível, não dá nem pra entrar, aquele canal que passa em frente ao prédio da Joana desemboca tudo dentro do mar, vai por ali olha.

Eram as primeiras palavras da tal Dulce, Dona como reza a convenção de empregados, mesmo os temporários. Sentara-se na areia sem se importar em sujar a calça marfim que delineava coxas e nádegas. Mais bonita agora que antes no maiô preto encravado na pele quase morena. A blusa branca e justa, os cabelos amarrados por uma esferográfica, óculos escuros que serviam de arco ao castanho claro dos fios encaracolados sublinhavam o que tinha de melhor, os singelos movimentos imperceptíveis aos olhos de quem apenas passava, ou parava a tirar fotos.

- A senhora me desculpe, mas é muito mais bonita que o sol.

- Obrigada.

Entre dentes a resposta veio com uma ruga no rosto, ao alto do olho esquerdo. Ruga comum a quem se desvia do sol lancinante, que em tempo, se repousava do outro lado da fala.

- Senhora está no céu, viu Miguel? É Miguel, não é?

A FILHA: demovida em risinhos dentre amigas nos intervalos do colégio, bilhetes e recados ao pé-de-ouvido, “pai, vou ficar até mais tarde no treino de hoje, pode ir sozinho pra casa”, “pai, vou dormir na Mabel amanhã à noite, posso?”, “pai queria tanto ir no baile de Sábado, posso, o pai da Mabel vai levar e buscar a gente, pai, posso?”, pés descalços na mesa de centro, dedos entrelaçados em confusas respostas, ermas perguntas, fugas explosivas quando ele chegava cansado de mais um de muitos dias, num “te ligo depois, meu pai chegou, beijo” que ele sabia que haveria de ser o outro, o rapaz,

falaria?

Pai!

Que foi?

Eu achei uma coisa no armário dos fun-

Quem era no telefone?

A Mabel pai.

É o menino?

Que menino?

O do treino, o filho do doutor Hamilton, era ele?

O nome dele é Lucas.

Novamente o banho mais antigo que novo, águas ermas ricocheteando as costas e dorso, pra enxugar toalha, para se lembrar espelho, loção de barba, rosto cansado, desfigurava-lhe o frio de Agosto recém-vindouro de recesso pra alunos e professores, mais dias a quantos um quando de aposentadoria não o afogueasse a língua poderia sobrepujar qualquer besteira,

a filha?

Setembro dobrava ao meio e enfim uma sexta-feira sem expediente extra, ir pra casa corujando um filme na tevê, uma novela a distrair, dormir cedo e acordar tarde, reorganizar as energias a tanto escassas, mas a porta da frente trancafiada estranhou-o assim como a ausência de barulhos na sala, no banheiro, na casa, apenas o portal do quarto da filha cerrado por réstias que iluminavam o entorno, abriu mão leve à maçaneta e da porta enxergou corpos enlaçados dentre lençóis brancos, dorsos moleques frementes em gozo e na parede acima um quadro, retrato, um pôr-do-sol numa praia qualquer, muito, muito distante,

apenas?

VARAL

**BLUSA, CAMISA, BLUSA, CALÇA, VESTIDO, ECHARPE,
BLUSA. VESTIDO, MEIA, MEIA, ENÇOL, SAIA, CACHE-COL..**

**O VENTO CAMPISTA
SACODE A NUDEZ
DENTRO DAS ROUPAS -
VAZIAS, DISFORMES E FRIAS.**

**ESSES CORPOS INVERTEBRADOS,
MOLES, GESTICULAM LIVRES
AS PERNAS E OS BRAÇOS.**

**AS DONAS ESPERAM NA SOMBRA
ENQUANTO, PENDURADAS,
SUAS ALMAS SECAM...**

Representações do corpo feminino na literatura

Maria do Rosário Alves Pereira¹

Elódia Xavier, renomada estudiosa da área de literatura brasileira e feminina, traz a público uma obra singular acerca do corpo e suas representações: *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (Editora Mulheres, 2007). Sua “tipologia do corpo”, ousada, uma vez que se baseia em um estudo sociológico, ao mesmo tempo amplia e reformula a tipologia criada por Arthur Frank. Romances e contos nacionais, do início do século 20 até a atualidade, são utilizados para exemplificar tais categorias, mostrando a representação do corpo como local de inscrições culturais, políticas e sociais, temática muito pertinente na contemporaneidade.

Em seu prefácio à obra, Antonio Carlos Secchin chama a atenção para a “eficácia operacional da categorização temática” que, para além de ser meramente normativa, considera a noção de corpo em sua concretude histórica, e não biológica, como tradicionalmente se concebe. Partindo do pressuposto de que a análise da representação dos corpos pode auxiliar no entendimento das práticas sociais que os rodeiam, Elódia Xavier estabelece relações instigantes com a literatura e tangencia teorias consagradas, como o estudo de Pierre Bourdieu, *A dominação masculina*, e de Michel Foucault, *Vigiar e punir*, dentre outros.

As dez categorias que a pesquisadora estabelece são as seguintes: corpo invisível, corpo subalterno, corpo disciplinado, corpo imobilizado, corpo envelhecido, corpo refletido, corpo violento, corpo degradado, corpo erotizado e corpo liberado. No capítulo sobre o corpo invisível, são abordados o romance *A intrusa*, de Júlia Lopes de Almeida, no qual a protagonista, Alice, mesmo sendo uma presença quase “imaterial”, conquista Argemiro; e o

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais.

conto “Muslim: woman”, de Marilene Felinto. Neste texto, a tensão entre ser vista, reconhecida, e se esconder, em paralelo com as diferenças culturais que se apresentam no encontro da mulher ocidental com a muçulmana dão a tônica ao texto. A mulher ocidental em crise vê na cultura oriental símbolo de proteção, e permanece resignada, à semelhança da outra.

Quanto à representação do corpo subalterno, o texto de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, e o conto de Wanda Fabian, “Mulher debaixo do cofre”, são analisados. As personagens são mulheres que sempre permanecem em “segundo plano” na sociedade, e ocupam um lugar de subalternidade, seja esse lugar econômico, da indigência social, ou no microcosmo familiar. Ainda que se utilizem de estratégias completamente diferentes para demarcar tal subalternidade, o estudo de Elódia Xavier demonstra que em ambos os textos há sempre um alguém que empreende a espoliação desse corpo feminino. Uma das características que tornam a leitura de *Que corpo é esse?* ainda mais interessante, aliás, é o fato de a pesquisadora se valer de textos literários os mais variados, conhecidos ou não do grande público e da Academia, e que refletem nuances e contextos sociais diversificados, mostrando os mecanismos capazes de manter o corpo feminino em seu lugar de submissão, ou mostrar como ele consegue se liberar das amarras sociais empreendidas por uma sociedade ainda patriarcalista e falocêntrica.

No que diz respeito ao corpo disciplinado, há uma espécie de “gradação” nos textos que se apresentam: a primeira obra estudada, *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, reflete esse corpo disciplinado em toda sua inteireza. Macabéa é previsível, e sua carência é mantida pela disciplina, como bem o demonstra Elódia Xavier. A subordinação às regras é plena, e as relações de dominação são vistas como naturais. Saliento que, neste corpo disciplinado, tem-se um aspecto que o diferencia do corpo subalterno: não há autoconsciência em Macabéa, ela apenas reproduz estruturas e discursos, ao passo que Carolina Maria de Jesus, por exemplo, questiona o sistema e sua condição subalterna. O segundo texto analisado na categoria corpo disciplinado é “I love my husband”, de Nélide Piñon: há toda uma disciplina a ser seguida no casamento, reforçada pelo desfecho do conto – “Ah, sim, eu amo meu marido” –, pois amar o marido faz parte do automatismo da vida, constituinte desse corpo disciplinado. Porém – e

aqui volto à idéia de “gradação” –, há momentos de indisciplina, de “vôos de pássaro”, ainda que ela se sinta culpada e retome a disciplina habitual, o que nunca ocorre com Macabéa. Em “A confissão de Leontina”, de Lygia Fagundes Telles, no passado da protagonista encontra-se a “aprendizagem da submissão”, mas a raiva contra o sistema emerge violentamente quando ela, quase sem querer, mata o homem que lhe exigia sexo em troca de um vestido. Aqui não há meros “vôos de pássaro”, como no texto de Nélide Piñon, mas uma reação brusca contra essa disciplina há anos perpetrada contra este corpo. Note-se que a seleção do *corpus* e a seqüência como ele se apresenta não é involuntária: Elódia Xavier acaba por demonstrar que todos os corpos são disciplinados desde a infância/juventude, e tal disciplina é reforçada pelas instituições sociais, a família, a Igreja, a mídia... Em Macabéa, é a tia, o rádio e os anúncios de propaganda que a conformam à estrutura social; a protagonista de “I love my husband” tem um pai coercitivo que a “entrega” àquele que deveria ser o senhor da sua vida, o marido, referendado pelos laços que “atam” um ao outro, os laços matrimoniais da Igreja; enquanto a mãe de Leontina trabalhava dia e noite, ela cuidava da casa para assegurar os estudos do primo. Ou seja, além da pertinência dos textos selecionados, Elódia estrutura uma argumentação que desperta reflexões no leitor, o que salienta ainda mais as qualidades de sua pesquisa que, ao contrário de esgotar temas ou leituras, fornece novas bases para estudos futuros.

O corpo disciplinado caminha para o corpo imobilizado, aquele no qual a disciplina se impõe de tal modo que ele não esboça nenhuma reação, como em “O Pai”, de Helena Parente Cunha, e “É a alma, não é?”, de Marina Colasanti. Já os corpos envelhecido e refletido guardam relações com a sociedade que os cerca: no corpo envelhecido é a inexorável passagem do tempo que deixa marcas. Elódia Xavier estuda *As horas nuas*, de Lygia Fagundes Telles, e alguns contos de Clarice Lispector. O corpo refletido, como o próprio nome assinala, é aquele que reflete o que está ao seu redor, ou seja, o próprio consumo, e como exemplo a pesquisadora comenta *A sombra das vossas asas*, de Fernanda Young, e “Finisterre”, de Nélide Piñon. Mais uma vez, a escolha dos textos é bem-sucedida, pois se o romance mostra um corpo refletido negativo, que se vale de toda a parafernália tecnológica da

estética para alcançar seu amor, no conto a personagem reflete o mundo que a cerca positivamente, ao incorporar a cultura do outro numa viagem à Galícia.

No capítulo sobre o corpo violento, são estudadas as personagens Rísia, de *As mulheres de Tijucopapo*, de Marilene Felinto, e Maria Moura, do romance de Rachel de Queiroz. A reificação do corpo feminino também é objeto de estudo através da representação do corpo degradado. Elódia trabalha com as personagens femininas de Márcia Denser e com Ana Clara, de *As meninas*, romance de Lygia Fagundes Telles.

Paralelamente a esse corpo que se degrada há um outro, erotizado, ainda que este seja um dado recente na prosa de autoria feminina, como bem salienta a estudiosa, por uma série de conjunturas histórico-sociais. O corpo erotizado que vive sua sexualidade de modo pleno aparece na narrativa de Heloísa Seixas, e o erotismo como promessa não cumprida em “O leopardo é um animal delicado”, de Marina Colasanti.

Porém, liberar-se sexualmente não é tudo. As mulheres querem também ser sujeitos de sua própria história, daí a representação, principalmente a partir da década de 90, do corpo liberado na narrativa ficcional feminina. *A sentinela*, de Lya Luft, ilustra esse corpo, bem como o romance de Marta Medeiros, *Divã*.

Como se percebe, a obra estabelece um percurso pelas narrativas de autoria feminina: da mulher que inexiste como sujeito do próprio destino até aquela que almeja e conquista a liberdade em sentido amplo. Do início do século 20 até a contemporaneidade, através dessa amostra com a qual nos brinda Elódia Xavier, percebem-se as transformações por que passa esse corpo – ou esses corpos? – feminino. O leitor certamente encontrará nesta obra o prazer de uma leitura fluida, de uma linguagem objetiva e sucinta, capaz de ampliar o entendimento acerca das questões que permeiam o feminino e de fornecer subsídios para quem se aventure em novas pesquisas.